

A religião e sua dinâmica diante do processo de urbanização: o mercado religioso entre católicos e evangélicos.

Religion and its dynamics on the urbanization process: the religious market between catholics and evangelicals

La religión y su dinámica ante del proceso de urbanización: el mercado religioso entre católicos y evangélicos.

José Ricardo Teles Feitosa

RESUMO: Neste artigo procurou-se examinar o crescimento dos grupos religiosos no ambiente urbano, a quebra do domínio do catolicismo e o fortalecimento, principalmente, das denominações evangélicas, e como isso tem mudado o cenário religioso das cidades no país. As transformações que vêm ocorrendo no cenário urbano brasileiro criam e recriam novos paradigmas gerando e adaptando culturas específicas, causando uma mescla de formas religiosas que combinam o velho e o novo, diante da exigência de adaptação as diversidades culturais que surgem no espaço geográfico. Verificou-se, ainda, que o catolicismo demonstra não estar preparado para o processo pelo qual vem passando as urbes.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Religião. Igreja Católica. Evangélicos. Espaço Urbano.

ABSTRACT: In this article we tried to examine the growth of religious groups in the urban environment, the break of Catholicism's domain and the strengthening, and the strengthening, especially, of the evangelical denominations, and how this has changed the religious scene of the cities of the country. The transformations that have been occurring in the Brazilian urban scene create and recreate new paradigms generating and adapting specific culture causing a mixture of religious forms that combine the old and the new due to the requirement of adaptation cultural diversities that arise in the geographical space. It was also verified that Catholicism demonstrates that it is not prepared for the process that has been happening in the cities.

KEY WORDS: Geography. Religion. Catholic Church. Evangelicals. Urban Space.

RESUMEN: En este artículo se buscó examinar el crecimiento de los grupos religiosos en el ambiente urbano, la quiebra del dominio del catolicismo y el fortalecimiento, principalmente, de las denominaciones evangélicas, y cómo eso ha cambiado el escenario religioso de las ciudades en el país. Las transformaciones que vienen ocurriendo en el escenario urbano brasileño crean y recrean nuevos paradigmas generando y adaptando culturas específicas, causando una mezcla de formas religiosas que combinan lo viejo y lo nuevo, ante la exigencia de adaptación a las diversidades culturales que surgen en el espacio geográfico. Se verificó, además, que el catolicismo demuestra no estar preparado para el proceso por el cual viene pasando las urbes.

PALABRAS CLAVE: Geografía. La religión. Iglesia Católica. Los evangélicos. Espacio Urbano.

1. INTRODUÇÃO

As manifestações religiosas mais antigas, apesar de aparentarem portar certa rigidez doutrinária quando consideradas suas normas e rituais, tendem a ser modificadas no decorrer da história por conta das próprias necessidades seculares vividas pelo coletivo, mas sempre com o papel social de consolidar e perpetuar um conjunto de visões de mundo e práticas que situam determinado grupo em dada realidade. O cristianismo, sem dúvida, seria um bom exemplo para essa afirmação.

A religião passa a conferir, portanto, identidades aos indivíduos e aos grupos sociais, imprimindo, nestes, ideologias mais ou menos transformadoras vindo a influenciar diretamente: os modelos familiares, os hábitos de consumo, as preferências (ou imposições) estéticas e as formas de relações intra-sociais.

Dessa forma, ao se estudar a religião como variável social, logo espacial, significativa, pode-se verificar a mobilização de várias manifestações religiosas de encontro com conflitos e

desigualdades que surgem a partir de relações sócio-espaciais complexas, como a violência, a fome, a marginalização da pobreza, o desemprego, etc. em um núcleo urbano, por exemplo.

Corrêa afirma que há maior probabilidade de os problemas sociais citados acontecerem nos núcleos urbanos porque a cidade seria o “lugar onde os investimentos do capital são maiores, sejam em atividades localizadas na cidade, seja no próprio urbano, na produção da cidade. E mais: de ser o principal lugar dos conflitos sociais” (1989b, p. 5). Ou seja, a própria complexidade do sistema urbano é um fator condicionante e condicionado quando se considera a variável religião.

Diante de tais conflitos, empiricamente, observa-se uma notada atuação dinâmica de entidades religiosas ligadas a temáticas que envolvem o crescimento das cidades e sua complexidade. Tais segmentos religiosos vêm marcados de significados, causando transformações sociais em diversos setores da sociedade.

Harvey afirma que “se desejamos entender o espaço, precisaremos considerar seu significado simbólico e a complexidade de seu impacto sobre o comportamento, já que estes estão intimamente ligados ao processo cognitivo” (1980, p. 26). Uma vez envolvida a análise da dinâmica espacial, se faz necessário um olhar geográfico sobre este fenômeno social que se forma a partir de uma composição social, cultural e territorial nas cidades (HARVEY, 1980, p. 21).

2. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E O CRESCIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

Quando consideradas a lógica das formações dos núcleos urbanos, observa-se que as mais diversas formas de celebrar o sagrado foram se adaptando, construindo territórios e, dessa forma, usufruindo do crescimento muitas vezes desordenado – o que pode ser claramente observado nas maiores aglomerações urbanas, principalmente nos países periféricos como o Brasil, por exemplo – daí surge a necessidade da compreensão da variável religiosa na construção sócio-espacial de dado espaço geográfico considerado.

Como a religião é um aspecto cultural e está sujeita a outros aspectos das dinâmicas sociais dos grupos considerados, houve a necessidade social de encontrar novas formas de cultuar o divino ao mesmo tempo em que se ia adequando ao frenesi das cidades. Tal dinâmica intensificou uma das mais antigas necessidades humanas: a territorial – a necessidade de um espaço vital.

Uma vez estabelecidos os vínculos e identidades que marcam e identificam seus territórios, as formas religiosas se estabelecem e desenvolvem um controle social sobre determinados grupos, estabelecendo vínculos de solidariedade, formando assim as chamadas comunidades, que nada mais são que territórios inseridos em territórios sob uma mesma lógica tal qual um fractal.

Contudo, mesmo fragmentadas as expressões religiosas mantêm relações espaciais com outras variáveis urbanas, conforme Corrêa (1989b, p. 7):

Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residências e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos freqüentes para compras no centro da cidade nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e as idas ao cinema, culto religioso, praia e parques (1989, p. 7.).

A urbanização brasileira aconteceu de forma muito intensa e rápida principalmente após a década de 60 – um verdadeiro êxodo rural. As consequências espaciais são diversas. Dentre as consequências mais nítidas, pôde-se verificar a expansão dos núcleos urbanos, incentivados pelos meios de comunicação que estimulavam diuturnamente a cultura do consumo importada e divulgada pelos Estados Unidos, “vencedor” do embate ideológico pós Guerra Fria.

O acúmulo passou, por conseqüência, a ser a ordem vivida pelas cidades que se industrializavam. Essa realidade começa a gerar uma ansiedade pelo “ter” de forma coletiva e passa criar embriões de espaços alternativos de esperança e vivências dos alijados daquele contexto. Junto a essa reconfiguração espacial, somam-se a violência, as péssimas condições de habitação, a falta de qualificação profissional e outros que contribuíram para o caos espacial urbano que pode ser conferido em muitos núcleos urbanos do Brasil.

Esse processo de urbanização, perturbador, alienador e perverso, agravou o desencantamento e a frustração de muitos indivíduos que se deslocaram do campo para a cidade, e de cidadãos que acompanharam mudanças rápidas no espaço urbano através do “inchaço” causado pela grande quantidade de pessoas, carros, o crescimento horizontal e vertical e muitas outras deficiências provocadas pela explosão demográfica.

A cidade precisava de mão-de-obra, e grande parte dela viria do campo, Corrêa (1989a, p. 56-57) corrobora com essa observação quando afirma que

As atividades capitalistas da cidade, entre elas especialmente as indústrias, necessitam de trabalhadores “livres”, que dispõe apenas de suas força de trabalho e nenhum ou muito pouco vínculo com o campo. Estes trabalhadores constituem a massa de onde será extraído o valor excedente, fonte de acumulação de capital. Assim, a cidade precisa drenar, via emigração rural-urbana, uma parcela da população do campo, constituída por pequenos proprietários, rendeiros, meeiros, moradores de condição e assalariados.

Desta forma, a religião passa a ter um papel fundamental, que é o de acalantar e renovar as esperanças de grande parte da população que foi enganada pela propaganda e as ilusões vendidas pelos meios de comunicação.

Neste contexto, o sagrado passa a ser de fundamental importância para um controle sobre o indivíduo e também para manter vivo o sonho de consumo e acúmulo que muitos buscaram na cidade. Neste aspecto, a religião se torna aliado do capital e do sistema que desloca multidões, principalmente em países subdesenvolvidos. A partir dessa compreensão, é possível correlacionar capital e religião, logo a existência de mercados religiosos.

Esta progressão demográfica vivida pelo setor urbano proporcionou – e esse processo continua – um grande crescimento de novas formas de religiosidade, a exemplo o pentecostalismo, que vem crescendo muito principalmente nos subúrbios das grandes e médias cidades.

As transformações que vêm ocorrendo no cenário urbano brasileiro criam e recriam novos paradigmas gerando e adaptando culturas específicas, causando uma mescla de formas religiosas que combinam o velho e o novo, diante da exigência de adaptação as diversidades culturais que surgem no espaço geográfico. Claval comenta que

Os homens são inventivos. Eles reagem aos novos desafios que são impostos pelo meio físico ou pela vida social, melhorando suas técnicas. Enfrentam as dificuldades que nascem das transformações do ambiente social, modificando suas práticas, criticando os velhos valores e adotando novos (2007, p. 135).

O desencantamento com as formas de vida oferecida pela urbanização passa a ser substituído pela a esperança de mundo melhor, isso implica em romper com estruturas que ao ver do indivíduo não correspondem as suas indagações.

Essa, talvez, seja a melhor forma de explicar o crescimento de vários seguimentos religiosos no país. O mundo metropolitano seria, portanto, um lugar privilegiado de reencantamento, reascendendo à busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas, segundo Harvey, se contrapondo a uma “sociedade crescentemente afluente, com uma tecnologia mudando muito rápido, está gerando problemas estruturais absurdos e aprofundando tensões no processo de urbanização” (1980, p. 43).

3. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO COMO MOTOR RETROALIMENTÁVEL PARA A RELIGIOSIDADE

Há um significado que milhares de pessoas, individualmente e não necessariamente espontaneamente, encontram para suas vidas a partir da diversidade religiosa que as cidades proporcionam. Essa “colcha de retalhos religiosa”, oferecida em sistema de mercado, é fundamental na construção de territórios e nas mudanças de espaços geográficos, pois considera-se nessa composição de crenças, as trocas, as assimilações e as sobreposições culturais.

Nessa nova composição cultural expressada pela religiosidade, o moderno e tradicional se misturam, gerando sincretismos e novas concepções são criadas e alimentadas. Tais fenômenos são possíveis devido a um processo de desencantamento com o moderno, e que ultrapassa as fronteiras dos “velhos” territórios institucionais, ocasionando no surgimento de novas expressões de se viver e celebrar o sagrado na cidade.

Não diferentemente, essas muitas transformações religiosas que ocorreram na paisagem urbana vêm sendo pesquisadas por varias áreas das ciências humanas. Um fenômeno empírico notável com a dinâmica dos grupos religiosos no espaço urbano, por exemplo, é a ruptura do domínio do paradigma católico como manifestação religiosa hegemônica e o crescimento paralelo especialmente de denominações evangélicas mais ou menos ortodoxas.

A vida contemporânea no urbano se insere de novidades com a diversidade de espiritualidades, inclusive com datas e eventos que modificam e interferem diretamente na vida dos moradores. Essa abordagem pode ser feita pelo viés geográfico, Corrêa (1989b, p. 6) elucida que

Sua análise geográfica é feita de diferentes modos, de acordo com as diversas correntes do pensamento geográfico. Assim, por exemplo, o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Pode se abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm dele e de suas partes. Outro modo, possível de análise considera-o como forma espacial e suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado ainda, o espaço urbano, como qualquer outro objeto social, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso e conflito.

Sobre este argumento, pode-se fazer análise geográfica das religiosidades e suas funções sociais no meio urbano. Mas por que as cidades? As cidades se transformaram no lugar onde passam os acontecimentos mais importantes da humanidade, onde se concentram a riqueza, a pobreza, o jogo de poder econômico, a política, o poder administrativo, etc. A busca do poder e satisfação está diretamente relacionada à cidade. Isso gera – é característico do sistema capitalista – com naturalidade a exclusão, o domínio, a conquista, a opressão e em muitos casos a escravidão.

As alternativas religiosas oferecidas no cenário urbano acabam por ser uma válvula de escape diante da realidade em que se encontram as cidades. A pluralidade de segmentos espirituais se tornou algo que marca sociedade contemporânea. A própria pluralidade é prova da constante busca pela compreensão dos fenômenos gerados pela globalização.

Milton Santos (1996, p. 85) argumenta que

A estrutura dessa população de “homens comuns” favorece o processo. A chegada incessante de migrantes à cidade aumenta a variedade dos sujeitos... os sujeitos comuns e das interpretações mais próximas do real. O conteúdo prático-inerte trazido por cada qual é diverso do ambiente prático-inerte local. A temporalidade introjetada que acompanha o migrante se contrapõe à temporalidade que no lugar novo quer abrigar-se no sujeito. Instala-se, assim, um choque de orientações, obrigando a uma nova busca de interpretações.

A partir dessa análise, a idéia de relativismo se instala cada vez mais nos discursos de lideranças políticas, religiosas e de organizações sociais. A cidade está repleta de pluralidade através dos mais diversos segmentos. Destarte, a sociedade passa a ser entendida como uma mescla de filosofias de vida, tanto em âmbito espiritual, como social, todas na busca de dar um sentido a existência – paradoxalmente cada vez mais opaco por conta da lógica consumista imposta pelo capital.

O urbano se tornou sinônimo de diversidade, nela as idéias são cada vez mais plurais, as culturas são diversas, e mesmo na busca de manter viva certas tradições, se faz necessário adaptar-se às novidades. Paradoxalmente à tolerância cultural pós-moderna, a inculturação seria a base das regras interreligiosas para uma boa convivência social em um núcleo urbano haja vista a potencialidade dos conflitos provenientes da intolerância de grupos fundamentalistas.

Certamente que o fenômeno apresentado acima se apresenta como um grande desafio, tanto às correntes fundamentalistas quanto às progressistas haja vista a impossibilidade de um prognóstico favorável, especialmente um a ambos simultaneamente.

Outro fenômeno social urbano é o fato de que muitos dos ideais propagados diferem com as práticas. As religiosidades, sob uma placa, uma forma jurídica, além de procurar combater ou conviver com os fenômenos externos às suas paredes, contam com o desafio de manter vivas suas tradições para não correr o risco de perder adeptos para novas e aparentemente infundáveis manifestações religiosas e, além do mais, correm o risco de não serem mais compreendidas pela forma de ser e viver da sociedade produtora-consumista estabelecida. É a mescla do espiritual e do secular.

As alternativas oferecidas nos mais diversos campos sociais existentes na cidade revelam que o espaço urbano se tornou um campo de aceitação do diferente. Na prática, nota-se que cada vez mais os cidadãos compreendem que é preciso compartilhar valores, convenções, costumes, leituras e interpretações em comum sob o risco de não conseguir se relacionar nem se comunicar, em suma, fazem isso para sobreviver.

4. O CRISTIANISMO URBANO BRASILEIRO E SUA DINÂMICA TERRITORIAL

Com processo de migração do campo para cidades, verificou-se um forte crescimento das denominações cristãs no Brasil. A busca por qualidade de vida, e os encantamentos oferecidos nos aglomerados urbanos, eferverceram a corrida rumo à “selva de pedra”.

A industrialização principalmente da região centro-sul do país, por exemplo, fez com que muitos camponeses buscassem refúgio, especialmente nos grandes centros. A cidade torna-se então um território de expectativas e um terreno teoricamente propício para a realização de sonhos – uns possíveis, outros impossíveis.

O crescimento horizontal se dá em meio ao descontentamento e as expectativas frustradas de milhares de camponeses que chegavam às grandes metrópoles brasileiras. As periferias crescem de forma desordenada e cada vez mais receptiva a milhares de famílias que se deslocam em busca de trabalho.

Apresenta-se assim, para muitos, um cenário de frustração: moradias precárias, desemprego, conflitos familiares, convivência com o crime organizado, enfim, expectativas das mais diversas esferas que não jamais seriam correspondidas, passam a fazer parte de uma formatação espacial não desejável.

Tal constituição espacial foi fundamental para o crescimento de vários seguimentos religiosos nas cidades, principalmente para as denominações cristãs, e dentre elas as correntes pentecostais ou equivalentes em detrimento da territorialidade católica. Tal segmento se tornou uma espécie de representação social dos excluídos e ao mesmo tempo uma arma potencialmente poderosa em relação aos conflitos que as pessoas passariam a enfrentar diante do crescimento urbano e suas implicações.

As comunidades religiosas cristãs passariam a se tornar um refúgio para as mais diversas classes sociais. Uns em busca de respostas urgentes para seus problemas, outros em buscar de segurança sobrenatural para suas posses, outros na busca de satisfação pessoal e de se libertar de traumas deixados por marcas que foram influenciadas pelo próprio processo de urbanização.

As igrejas cristãs, num plano estratégico e territorial, atenderam a grande demanda de pessoas desamparadas pelo Estado e sobrecarregadas de problemas pessoais – como já exposto, problemas seculares gerados a partir da própria dinâmica urbana que passa a refletir no campo espiritual. Com comunidades compostas por pequenos grupos e grande número de

denominações, tais comunidades passaram a suprir com mais eficiência a necessidade das pessoas tanto no campo espiritual, como também na área social.

Essa forma de vivência comunitária implica em vínculos afetivos e um sentimento de irmandade que se expande pelos membros e que atrai outros seguidores, aumentando cada vez mais o número de seguidores, principalmente em espaços economicamente mais carentes.

5. CATÓLICOS E EVANGÉLICOS: UMA DISPUTA TERRITORIAL

Católicos e evangélicos têm travado uma grande disputa por fiéis nas cidades brasileiras. A diversidade vai desde o nome dado a estas denominações, até doutrinas que mesclam o tradicional e novo, na intenção de agradar e atrair cada vez mais adeptos.

Entre os evangélicos, há uma heterogeneidade de espiritualidades. Existem as correntes pentecostais: os deuteropentecostalismo e os neopentecostais, por exemplo (PASSOS 2005, p. 54). Cada uma dessas correntes apresenta muitas diferenças internas e interpretações, quando considerada sua pluralidade dimensional, que podem cada vez mais se adequar à realidade vivida nas cidades. Há igreja para todos os gostos. Pode-se escolher a que melhor se enquadra no seu padrão e estilo de vida.

Acerca dessas diversas facetas não-católicas, Passos afirma que “Os grupos pentecostais exercem a função de guardar uma religiosidade marcada pela produção autônoma de bens simbólicos, pela proximidade do sagrado e pela eficácia simbólica, incorporando, entretanto, as necessidades e valores da grande cidade”. (2005, p. 55).

Estas denominações não-católicas têm oferecido uma variedade de cultos e formas de espiritualidade. Elas têm conquistado um grande número de adeptos entre os brasileiros nas últimas décadas. Os últimos dados do censo demográfico mostram um crescimento fenomenal dos grupos pentecostais nos últimos anos no Brasil. Verificando a dinâmica de todos os grupos classificados como pentecostais, observa-se o crescimento absoluto de 8,1 milhões em 1990 para 17, 6 milhões em 2000 (PASSOS, 2005, p. 18).

Uma bastante provável razão para esse crescimento encontra-se na concentração de grandes massas (necessitadas) nas cidades, além das estratégias de alcance utilizadas por estes grupos, tais como: rádios, televisão, eventos em espaços abertos, promoção de atividades sociais nas periferias, envolvimento com a política etc. o que leva a uma expansão e domínio do território.

A organização dessas igrejas passa em grande parte, por uma formação de lideranças que extrapolam as barreiras teológicas. Desde noções de planejamento, administração, *marketing*, mídia, comunicação – o que lembra facilmente uma organização de mercado – entre outros. Tudo para cada vez mais visando conquistar adeptos e dar respostas ao caos em que as pessoas vivem no meio urbano.

Essa técnica de mercado e cada vez mais crescente entre as correntes evangélicas, que além da concorrência com a igreja católica, ainda tem o desafio de impedir o crescimento de outras expressões religiosas fora do cristianismo. Conforme Guerriero (2006. p. 95),

As novas religiões diferentes e as vivências de religiosidades diversas, como vimos, passam praticamente despercebidas em termos numéricos, apesar de extremamente significativas se pensadas em suas contribuições simbólicas e nas possibilidades de escolha que oferecem. Além das mais diferentes possibilidades de vivências, o cristianismo, como as práticas variadas do catolicismo e as multiplicações intermináveis dos evangélicos, das tradições afro-brasileiras como o candomblé e xangô, da umbanda e do espiritismo e suas variantes, das tradições indígenas e das religiões estrangeiras restritas a grupos étnicos, existe por aqui uma enorme variedade de outras religiões ou práticas de religiosidades distintas. Encontramos construções tipicamente nacionais, como o Santo-Daime e a Ordem Espiritualista Cristã (Vale do Amanhecer) e outras importadas, como a ISKCON, a Igreja da Unificação, o budismo tibetano, ou mesmo as práticas de cunho espiritualista, longe de constituírem-se em movimentos stricto sensu, como mahikari, os oráculos mais variados ou as danças circulares sagradas e os xamanismos da Nova Era.

Neste contexto, nota-se que há na sociedade uma oferta muito grande em relação a formas de religiosidades. Carregada de traços, organização, relativismos e fundamentalismo, todos fazem parte de um mercado que cresce cada vez mais e que atrai investidores de diversos setores, que vêm aqui um nicho de mercado que tende cada vez mais a crescer, principalmente com venda de artigos religiosos como CDs, livros e etc. Guerra (2003, p. 1) afirma que:

A lógica mercadológica sob a qual a esfera da religião opera produz, entre outras coisas, o aumento da importância das necessidades e desejos das pessoas na definição dos modelos de práticas e discursos religiosos a serem oferecidos no mercado. Ao mesmo tempo, demanda das organizações religiosas maior flexibilidade em termos de mudança de seus "produtos" no sentido de adequá-los da melhor maneira possível para a satisfação da demanda religiosa dos indivíduos.

A Igreja Católica, com estrutura milenar e mais tradicional, também se insere nessa disputa territorial. Ela vem passando por muitas transformações que tem interferências tanto de origem externa quanto interna. As múltiplas expressões de ser católico têm causado muitos conflitos ideológicos entre o corpo clérigo e os leigos.

A variedade de identidades, todos sob a doutrina e hierarquia da instituição, não está conseguindo estagnar o crescimento das igrejas evangélicas (PASSOS, 2005, p. 18). As cisões de identidades são determinadas conforme Guerra (2003, p. 3) pelos seguintes fatores:

a) pelas diferenças existentes entre facções de religiosos, relativas às definições dos objetivos da instituição; b) pelas suas variadas concepções a respeito dos meios para alcançar as finalidades institucionais escolhidas; c) pelo enfrentamento de posições ideológicas contrárias, a respeito da maneira pela qual a proposta de religiosidade católica deve se posicionar em relação às questões ligadas às estruturas de poder vigentes na sociedade; d) pela força da demanda dos consumidores.

As questões expostas acima revelam a discrepância existente entre o clero e fiéis a respeito de alguns segmentos que se identificam como identidade do catolicismo. De um lado, há os que se apegam a uma verdade fundamental, não aceitando qualquer possibilidade que não a do seu próprio grupo. De outro lado, há uma plêiade de grupos distintos e de vivências isoladas que pregam relativismo (GUERRIERO, 2008, p. 15) – isso só para começar.

A urbanização tem tornado as pessoas cada vez mais individualistas e pragmáticas. Tais prerrogativas não fazem parte do pensamento cristão original o qual o catolicismo entendeu por representar, porém, este tem sido o maior desafio da evangelização e doutrina da instituição.

O catolicismo pós-moderno não tem encontrado formas de eficazes de enfrentamento aos problemas que a cidade oferece. Na lógica do mercado religioso, ela não tem oferecido o melhor "produto" e os seus fiéis tem preferido o "produto" oferecido por outras denominações consideradas cristãs. De fato, o catolicismo já não é mais o mesmo.

No intuito de responder à convocação de muitos setores do catolicismo, pastorais e movimentos se articulam, inclusive com a iniciativa de muitos leigos, que têm buscado reparar essa lacuna mercadológica deixada pela instituição, na intenção de amenizar o êxodo para outras denominações e, fortalecer a identidade dos féis que confessam a fé católica.

A divergência mais acentuada e conhecida no catolicismo é o cisma entre os seguidores da teologia da libertação e os do movimento carismático. Além das diferenças teológicas, há disparidades na forma de como ambos os segmentos enfrentam problemas sociais, além dos aspectos ritualísticos que acabam caracterizando comportamentos e formas de se organizarem no espaço urbano com estratégias diferentes.

Condicionada pelo grupo, e pelo contexto social em que está inserida, a filosofia de vida pregada pelo catolicismo parece não corresponder nem mesmo a resolução de problemas internos e com isso não consegue dar respostas nem no âmbito religioso e tampouco no social, distanciando-se cada vez mais da realidade vivida nas cidades pelos seus seguidores.

As igrejas evangélicas, ao contrário, parecem estar mais preparadas para o processo de reordenação territorial pelo qual vêm passando as cidades. As formas como elas vêm conquistando espaços e se projetando nos cenários urbanos revelam tal fato. Elas estão conquistando o que a Igreja Católica perdeu – a capacidade de lidar com o urbano –, talvez

por terem em suas organizações doutrinárias um forma de organização pastoral mais eficaz, a qual tem conseguido gerar um ambiente de fraternidade e referência para os cidadãos já flagelados pelas mazelas típicas do urbano.

Essa perda de força do catolicismo para transformar algumas realidades sociais existentes nas cidades é fruto de uma concorrência bem preparada. O fato das comunidades católicas não adentrarem na realidade dos fiéis, principalmente os excluídos pelo sistema – condição *sine qua non* da lógica capitalista –, faz com que haja perda de território. Essa perda de influência caracteriza um submergir do sentido de ser da instituição, causando nas lideranças e nos participantes a falta de um sentimento de pertença.

Isso implica em pouca representatividade fora das fronteiras dos templos católicos. O que acaba por não dar aos espaços sociais uma representatividade católica, e que por sua vez, leva a um não comprometimento com outros campos da sociedade organizada. Almeida (2009, p. 75) afirma que

Na cidade muitos continuam a frequentar a própria igreja paroquial apenas por comodidade: hábito, proximidade, rotina. Não se vai à paróquia para encontrar irmãos e irmãs, mas para cumprir individualisticamente o preceito dominical ou se encontrar com a divindade. As relações verticais (com Deus) não se cruzam com as relações horizontais (com irmãos e irmãs). Evidentemente, há sempre uma minoria que se identifica com algumas pessoas, com grupos da paróquia e com a própria instituição.

Parece estar aqui o desconforto em relação à forma de ser comunidade se comparada a outras denominações. A construção de uma cultura de solidariedade e fraternidade não será construída na realidade colocada acima. O comodismo diante do mercado e da disputa por fiéis proporciona o crescimento em grande escala de outras denominações cristãs e formas contemporâneas de religiosidade peculiares.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe hoje uma intensa busca por espiritualidade, nota-se o crescimento dos mais diversos segmentos religiosos. Visivelmente, não como ser refutado o fenômeno do crescimento religioso e suas mais diversas formas e interpretações sobre as realidades que outrora se instalam no processo de globalização da lógica do capital.

Várias correntes surgem de campos tradicionais e de religiões históricas, outras mais recentes, mas todas vêm com o pretensão objetivo de fornecer – muitas vezes como mercadorias – respostas às crises existenciais a qual se submeteu o homem contemporâneo.

No cristianismo, surgem várias correntes. A maioria absoluta das correntes de igrejas cristãs não católicas, originalmente denominadas protestantes e suas várias ramificações, emergem num mercado em disputa por fiéis e expansão territorial com o catolicismo e outras expressões religiosas. Com variadas facetas, a diversidade de culturas religiosas surge como instrumento de libertação em campos como o social e políticas, o da libertação individual, curas, exorcismos, no campo financeiro e outros.

Tal entusiasmo pode ser interpretado como fenômeno de contracultura, mas é importante observar, do ponto de vista do contexto cultural de toda experiência espiritual, ao mesmo tempo, uma função de personalização e de identidade, como também uma função de abolição do “eu” na fusão comunitária e no convívio.

Estes aspectos surgem exatamente no caos em que se vive nas cidades e que a religião se torna a principal forma de preencher as lacunas deixadas pelas exclusões implantadas pelo sistema em meio ao processo de urbanização em que vive no Brasil.

Concluindo, as análises geográficas aqui feitas evidenciam como os fenômenos religiosos se espacializam e passam a se tornar agentes de transformação do espaço, além de permitirem compreender uma dinâmica que pode ser compreendida desde o global até o local e que a dialética decorrente, mais ou menos conflitante, também deve ser compreendida como um indicador de mudanças a partir da apreensão do processo de construção espacial como um todo.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, A. J. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.
2. ANTONIAZZI, A. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 17-23.
3. BINGEMER, M. C. L. A sedução do sagrado. In: CALIMAN, C. (Org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 79-115.
4. BENINCÁ, D. **CEBs nos trilhos da inclusão libertadora**. São Paulo: Paulus, 2006.
5. BOFF, C. *et al.* **As comunidades de base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997.
6. BOFF, L. **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
7. CLAVAL, P. **Espaço e poder**. Tradução: Zahar Editores. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
8. _____. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
9. CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO. Santo Domingo. **Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã**. São Paulo: Paulinas, 2006.
10. CONSELHO GERAL DO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Católicos e políticos: uma identidade em tensão – quatro hipóteses sobre os limites e os alcances da presença dos católicos na política latino-americana**. São Paulo. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2006b.
11. CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989a.
12. _____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989b.
13. DÁVILA, B. M. C. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências**. Aparecida: Santuário, 2000.
14. DEFFONTAINES, P. **Géographie et Religions**. Paris: Gallimard, 1948.
15. DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferencia geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Aparecida: Paulinas, 2007.
16. GALBRAITH, J. K. **Anatomia do poder**. São Paulo: Pioneira, 1984.
17. GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: IBPEX, 2008.
18. GUERRA, Lemuel. **As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica**. São Paulo: Rever, 2003.
19. GUERRIERO, S. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2006.
20. HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
21. LOWY, M. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.
22. **O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações, e análise**. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, Mauro Passos, Wellington Teodoro da Silva (organizadores). São Paulo: Paulinas, 2008.
23. OLIVEIRA, P. A. R. CEBs, carismáticos católicos e transformação social. In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 11-24.
24. PASSOS, J. D. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.
25. POSSEDÔNIO, R. As CEBs: uma igreja com rosto amazônico. In: CORDEIRO, V. L. (Org.). **Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2008.
26. RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
27. ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 191-223.
28. RUBIO, A. G. **Teologia da libertação: política ou profetismo**. São Paulo: Loyola, 1983.
29. SANTOS, M. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.
30. SELL, C. E.; BRÛSEKE, F. J. **Mística e sociedade**. Itajaí: Univali; São Paulo: Paulinas, 2006.